

# A VARIAÇÃO DA PRETÔNICA /o/ NO FALAR RURAL PARANAENSE

Dircei Aparecida Kailer

Universidade Estadual Paulista -Araraquara (UNESP)

dirka@uol.com.br

**Abstract.** *In this study we analyse the behaviour of the mid pretonic vowel /o/ in the rural talk of sixty informants (females and males sex) referent to thirty Paranaense Linguistic points.*

**Keywords:** *raising; rural talk; linguistics and extralinguistics factors*

**Resumo.** *Neste estudo analisamos o comportamento da vogal pretônica /o/ no falar rural de 60 informantes, do sexo feminino e do sexo masculino, referentes a 30 pontos lingüísticos paranaenses.*

**Palavras-chave:** *alçamento; fatores lingüísticos e extralingüísticos; falar rural*

## 0. Introdução

A variação lingüística é perceptível até mesmo àqueles que não se preocupam em estudar teorias lingüísticas. Todavia, a falta de conhecimento sistemático dessas diferentes formas de falar, muitas vezes, faz com que se julguem as pessoas pela variedade lingüística que usam e estas, ao perceberem que estão sendo discriminadas, calam-se com medo de “errar”.

Parece, portanto, que a melhor forma de lidar com os preconceitos lingüísticos é conhecer sistematicamente as variedades da língua, pois acreditamos que esse caminho contribuirá para desfazer os preconceitos ainda existentes entre muitos, principalmente naqueles responsáveis pelo repasse do conhecimento formal.

Sendo assim, neste estudo, buscaremos identificar as variáveis lingüísticas e extralingüísticas que atuam no comportamento da pretônica média posterior [o] no falar de 60 informantes de 30 cidades paranaenses.

## 1. Procedimentos metodológicos

Seguindo, dentro do possível, os pressupostos metodológicos da Sociolingüística Variacionista, analisamos um *corpus de 4.674* ocorrências da pretônica média posterior em 588 palavras, na fala de 60 informantes, dos quais 30 são do sexo masculino e 30 do sexo feminino, com idade que varia de 25 a 60 anos, uns analfabetos, outros com MOBREAL, Ensino Primário incompleto e completo, todos com mais de um terço de vivência na localidade pesquisada, condições controladas por Aguilera e equipe, que coletaram os dados para o ALPR (1994).

Com o objetivo de deprender quais contextos possuem maior interferência no uso alçado ([u]) ou na manutenção ([o]) da vogal média pretônica [o], dividimos as variáveis independentes em lingüísticas e extralingüísticas. Entretanto, devido à exigüidade de espaço, neste estudo, apresentaremos apenas

os contextos mais relevantes: precedente, seguinte e vogal da sílaba seguinte.

Quanto ao contexto de consoante precedente, as bilabiais (**bonito, modificado, podia**); labiodentais (**foguete, vomitar**); palatais (**joelho, canhoto**); velares (**conheço, engolir, roxinho**); início de palavra (**#hospital**), foram os mais significantes.

Em relação ao contexto seguinte, apresentaremos os resultados das bilabiais (**tomava, cobreiro, qerar**); alveolar retroflexa (**morcego**); velar (**cogumelo, corria, soqueira**); seguida de vogal (**coador**), e, por fim, o contexto vogal da sílaba seguinte: (**orvalho, sombrancelha, costeleta, bonezinho, doença, bonito, domingo, cotovelo, costume, confundir**).

Baseando-nos na proposta de Labov (1972, 1994), a respeito da necessidade de considerar as variáveis sociais nos estudos de fenômenos lingüísticos, buscaremos observar se a idade, escolaridade, sexo e região interferem no uso da pretônica [o] no falar rural parananense.

Para a análise dos dados fizemos uso do pacote computacional Goldvarb (2001, *for windows*), uma versão do pacote VARBRUL (PINTZUK, 1988). Esse tipo de programa fornece resultados em peso relativo, os quais devem ser entendidos da seguinte maneira: se o resultado for igual a 0,500, significa que aquele fenômeno é neutro em relação à aplicação da regra, se for inferior, é pouco favorável; e se for superior, é favorável. Quanto mais inferior, menos favorável, e quanto mais superior, mais favorável. Só não pode chegar a 0% e 100%, porque, dessa forma, não teríamos variação.

A partir da análise binominal, é possível observar quais contextos foram relevantes, quais o programa eliminou, por não apresentar relevância, e quais variáveis foram mais favoráveis e mais desfavoráveis à aplicação da regra, especificamente neste caso, de alçamento. Com os resultados destes contextos oferecidos pelo referido programa, apresentaremos, a seguir, os mais significativos, como já mencionamos anteriormente.

## 2. Variáveis lingüísticas

### 2.1. Contexto precedente

Tabela 1 – Contexto fônico precedente.

Contexto precedente	Nº de [u] / Total de [o] e [u]	Peso relativo	%
Início de palavra	8 / 312	0,039	2%
Bilabial	30 / 614	0,300	21 %
Labiodental	55 / 122	0,821	45 %
Velar	600 / 2186	0,630	27 %
Palatal	99 / 261	0,617	37%

Conforme apresenta a tabela 1, o contexto início de palavras, com peso relativo de 0,039, assemelha-se aos resultados de Schwindt (1997), que apontam o valor de 0,05 ou seja, a manutenção do [o] é quase categórica.

É interessante ressaltarmos que, das palavras examinadas, a única a alçar neste contexto é (hospital), o que, em nossa opinião, resulta da ação da alveolar [s] seguinte, que, de acordo com Pontes (2000), é um contexto propiciador de alçamento.

De acordo com os resultados, as labiodentais demonstram ser bastante favoráveis ao alçamento, atingindo o valor de 0,821 (foguete, vomitar). Já as bilabiais, com 0,300, (bonito, morcego, podia), revelam-se bastante desfavoráveis neste ambiente.

No entanto é preciso ressaltar que as bilabiais [b,p] apresentam-se mais favoráveis do que a bilabial [m]. Em vocábulos como (moleira, morreu, morar (e suas flexões), mostrar, camomila), por exemplo, nunca se verificam alçamentos, que só ocorrem em vocábulos como (modificado, motivo, moído, mosquito, morria, morcego).

Com um olhar mais atento para os exemplos, podemos verificar que os vocábulos que apresentam alçamento, quando têm como contexto precedente a bilabial [m], têm, com exceção de (morcego), as vogais da sílaba seguinte [i] ou [u], ou a variável dependente [o] é seguida por uma vogal, fatores muito favoráveis ao alçamento, como veremos quando tratarmos dos demais contextos.

Diante disso, buscamos averiguar o comportamento dessas consoantes em contextos sem as vogais altas e sem o contexto seguido de vogal, para atestarmos se realmente têm algum poder de alçar em contextos adversos.

Observamos, nesta outra análise, que tanto a probabilidade das bilabiais (0,770) quanto das labiodentais (0,935) aumentou, ou seja, essas consoantes consolidam-se como contextos propiciadores de alçamento, sendo as labiodentais quase categóricas na aplicação desta regra.

Quanto às velares, com probabilidade de 0,630, constituem um ambiente propiciador do alçamento do [o] pretônico, como vemos nestes exemplos: (costeleta, corisco, gordura, goela, roliço). Comportamento semelhante apresentam nos estudos de Battisti (1993 apud PEREIRA, 1998) sobre o alçamento das pretônicas no falar gaúcho.

O favorecimento da velar [k] consolida-se quando a vemos alçando o [o] pretônico em vocábulos como por exemplo (conheço, cotovelo, comadre, conforme) contextos que não apresentam vogal alta e nem são seguidos por vogal, os dois ambientes mais propiciadores de alçamento. Além disso, no último exemplo temos [o] nasal, contexto também desfavorecedor do alçamento.

Todavia, o mesmo não ocorre com a velar [h] em vocábulos como (rolete, rosado, rodear, rodela, rolete, roxinho). Esta consoante só apresentou alçamento com a palavra (roliço ~ ruliço). É interessante observarmos que nesses exemplos o [o] ocorre em contexto de átona casual. De acordo com Bisol (1984) e Mota (1979), tal ambiente desfavorece o alçamento, o que é confirmado na maioria de nossas ocorrências, como exemplificamos, com exceção apenas do último exemplo, no qual a vogal alta em sílaba seguinte prepondera sobre a atonicidade.

Apesar de a velar [g] apresentar mais casos de alçamento do que a velar [h], vemos que, em muitos contextos onde poderia haver alçamento, isso não se realizou, como em (gotinha, gominho, goteira, gostei (e outras flexões))

Ao examinarmos esta consoante sem a presença de vogais altas em sílaba seguinte e sem o contexto de [o] seguido de vogal, atestamos que a sua probabilidade diminui de 0,630 para 0,568, ou seja, apesar de ser favorável, ela por si só não é um contexto propiciador de alçamento como supúnhamos.

A palatal, com probabilidade de 0,617 em contexto precedente, é favorável ao alçamento, como vemos nos seguintes exemplos: (enjoado ~ enjuado, joelho ~ juelho, choveu ~ chuveu). Entretanto, podemos notar que, na maioria dos exemplos dados, o [o] é seguido de uma vogal, contexto quase categórico no favorecimento do alçamento, o que veremos quando tratarmos do contexto seguinte. O último exemplo, porém, que não se enquadra nessa explicação, apresenta alçamento, porque no verbo *chover* o [o] é uma átona sem *status* definido, que vem do latim clássico *pluere*, passando para o latim vulgar *plovere* (cf. *Dicionário Aurélio do séc XXI*), ou seja, em uma de suas realizações de origem possuía a vogal posterior alta. Essa hipótese encontra ecos na afirmação de Bisol (1984, p. 88) de que as vogais que adquirem a atonicidade por meio da derivação tendem a preservar a atonicidade da palavra de origem, o que acreditamos acontecer em relação à altura da vogal.

Diante disso, e observando algumas palavras que nunca apresentam alçamento, como (canhotoiro, jogar, jogado, chocadeira, chorava), acreditamos que fica difícil afirmarmos que a palatal é um contexto responsável pelo alçamento.

## 2.2. Contexto Seguinte

Este contexto é, junto com o contexto precedente e vogal da sílaba seguinte, o mais referenciado pelos autores variacionistas aqui citados, com poder para alterar a altura da vogal nessa posição.

Mediante os resultados da Tabela 2, atestamos que as labiais são favoráveis em contexto seguinte. As bilabiais, porém, revelaram-se menos favoráveis que as labiodentais em contexto precedente, invertendo-se o comportamento em contexto seguinte. Aquelas apresentam a probabilidade de 0,624, ou seja, são consideravelmente favorecedoras do alçamento como exemplificamos com estes vocábulos (vomito ~ vumitado ~ gumitado, lobisomem ~ lubis ome, sombrancelha ~ sumbrancelha, compadre ~ cumpadre, começar ~ cumeçar).

**Tabela 2 – Contexto fônico seguinte.**

Contexto seguinte	Nº. [u] / Total de [o] e [u]	Peso relativo.	%
Bilabial	350 / 859	0,624	40%
Linguoalveolar retroflexo	21 / 365	0,267	5%
Velar	17 / 450	0,129	3%
Hiato	263 / 380	0,928	69%

Isso ocorre, segundo Mota (1979) e Bisol (1984), porque a vogal alta [u] apresenta mais labialidade do que a média posterior fechada [o], ou seja, é articulatoriamente mais fácil, com uma labial, usar a posterior alta do que a posterior média, mesmo que a labial não apresente traços altos.

Em relação às alveolares, acreditamos que seria interessante dividi-las para verificar se a alveolar retroflexa [r] (gordura ~ gurdura, dormi ~ durmi) teria um

comportamento diferenciado das demais, como fez Schwindt (1987), em seu estudo sobre a harmonia vocálica no dialeto da região sul.

Tal qual o autor citado, constatamos que essa consoante é mais desfavorável que as demais, tanto que, em contextos como (cortadeira, borboleta, hortelã) nunca alçam. Os primeiros exemplos deveriam apresentar algum alçamento, uma vez que os contextos velar e bilabial precedente favorecem o alçamento. Já o terceiro apresenta dois contextos que justificam o pouco favorecimento, a alveolar retroflexa e o contexto início de palavras.

O comportamento da retroflexa, neste estudo, encontra respaldo nos resultados de Pontes e Kailer (2001), pois eles constataram que, em trava silábica, o [e] pretônico nunca alça, como em (tuberculose, enfermeira, nervoso).

Esse comportamento desfavorável das alveolares ao alçamento justifica-se devido à lei do menor esforço. Como já mencionamos, ao tratar do contexto precedente, o fato de a alveolar ter uma articulação bastante diferenciada da posterior [u] diminui as chances de ela favorecer tal realização. (SCHWINDT, 1987).

Quanto à velar, com probabilidade de 0,129, ela apresenta um resultado que a aponta, em contexto seguinte, como um fonema quase inibidor do alçamento da média posterior [o], como comprovamos com os exemplos enumerados (coqueiro, cogumelo, soqueira, gogó, socar, tocar), entre outros.

Bisol (1984) e Battisti (1993, apud FREITAS, 2001), ao estudarem o falar gaúcho, verificaram que a velar é um fator favorecedor do alçamento, tanto em contexto precedente quanto seguinte. Já Schwindt (1997), em um estudo acerca da harmonia vocálica, também referente à variedade da Região Sul, corrobora os nossos resultados, pois observa que a velar é desfavorável ao alçamento em contexto seguinte. Entretanto, em um estudo sobre a regra variável de harmonização vocálica no Rio Grande do Sul, realizado em 2002, o mesmo autor aponta a velar com probabilidade de 0,56 como favorecedora do alçamento do [o] neste contexto, bem como no precedente. Todavia, como podemos observar seu resultado está muito próximo da neutralidade.

Por último, em relação à variável contexto seguinte, temos o fator seguido de vogal, no qual descartamos os casos de ditongos como (outubro, goiaba), analisando somente as ocorrências em que o [o] pretônico é um hiato ou formava hiato e, devido ao alçamento, tornou-se um ditongo como em (coador ~ cuador).

O alçamento, quando o [o] pretônico forma hiato era comum já no latim vulgar. Segundo Silva (1989), esse fenômeno está documentado desde o *Appendix Probi* e foi registrado por Lião (1576), Pereyra (1666) e Sousa (1804). Em sua gramática portuguesa, este último autor diz o seguinte: *As letras que mais se confundem são o E com I, e o O com U, principalmente quando são seguidas de alguma voz aguda, como por exemplo nos Verbos Cear e Moer, pode duvidar-se das primeiras vogais e se deve escrever antes Ciar e Muer [...]*. (SILVA, 1989, p. 245).

Silva (1989) relata que Naro (1973 apud SILVA, 1989) observou esse comportamento da vogal [a] em hiato, quando tentou explicar a mudança de vogais médias em altas nos hiatos latinos (áo > áu, oá > uá, eá > ia, eó > ió, etc). Ele se refere a isso como a "Lei de Oliveira", para homenagear o gramático Fernão de Oliveira, um dos primeiros a comentar o fato como tendo início por meio da dissimilação de vogais

médias para altas, antes da vogal baixa [a], o que posteriormente aplicou-se a outras vogais.

Outro fato investigado por Silva (1989), sobre este contexto, é se ambas as vogais do hiato encontram-se em sílaba pré-acentuada, ou se a vogal média está diante de uma vogal tônica. Com isso, ela atesta que o primeiro contexto é menos favorável ao alçamento do que o segundo. Em nosso *corpus*, não fizemos tal diferenciação, mas, retomando os dados, verificamos que as ocorrências com muito alçamento referem-se às permanentes (João, joelho, coador, doença, doente, trovoada). Coincidentemente ou não, estes vocábulos, em sua maioria, apresentam a vogal [a] formando hiato com a média e, também, o [o] seguido por uma vogal tônica.

Diante disso, podemos dizer que a “Lei de Oliveira” confirma-se em relação à aplicação da regra variável de alçamento em contexto em que [o] e [e] são seguidos de vogal no falar rural paranaense, bem como a hipótese de Silva (1989) acerca de as tônicas estarem seguindo a pretônica [o].

### 2.3. Vogal da sílaba seguinte

Tabela 3 – Vogal da sílaba seguinte: harmonização vocálica e homorganicidade.

Vogal da sílaba seguinte	Nº [u] / Total de [o] e de [u]	Peso relativo	%
[a]	190 / 1256	0,379	15%
[e]	411 / 2074	0,428	19 %
[i]	498 / 832	0,888	59%
[o]	9 / 298	0,066	3%
[u]	91 / 202	0,819	45 %

A vogal da sílaba seguinte é referida, por muitos autores que investigam o comportamento das pretônicas, como o contexto mais relevante no que diz respeito à aplicação da regra de alçamento.

Em relação ao nosso estudo, num primeiro momento investigamos uma a uma as variações das vogais de acordo com a articulação e timbre, mas, para estas últimas rodadas, achamos melhor amalgamá-las em relação ao timbre, primeiro, porque suas probabilidades eram parecidas e, segundo, para termos células mais ortogonais, o que daria maior confiabilidade aos nossos resultados. (cf. BRESANCINI, 2001).

Quanto à vogal baixa central [a], temos a probabilidade de 0,379, em contextos como (sombrancelha, trovoada). Apesar de ser o fator que mais favoreceu o alçamento quando o [o] ocorre em hiato, não se confirma como favorável ao alçamento nos demais contextos de sílaba seguinte.

Já a vogal média [e] têm o resultado de 0,428, em vocábulos como: (costeleta, doença, bonezinho, borboleta).

A média posterior [o] nasal não apresenta alçamento nas 3 ocorrências de nosso *corpus* (*colônia, bordon, coloninha*). Já (o, ó) destacam-se pelo pouquíssimo favorecimento (0,066) como em: (conforme, cotovelo, corto).

Acreditamos que este resultado aponta para a harmonização vocálica, pois as vogais médias tendem a preservarem-se em presença de outras da mesma altura.

Quanto às vogais altas [i,u], já presumíamos serem fatores propiciadores do alçamento, visto que muitos trabalhos, como, por exemplo, Mota (1979), Bisol (1984), Schwindt (1997, 2002), Silva (1989), Bortoni et al. (1991), Pontes (2000, 2002), Pontes e Kailer (2001), entre outros, apontam a harmonização vocálica como contexto altamente favorecedor do alçamento.

Além desses, temos Callou, Leite e Coutinho (1991, p. 74) que também declaram, em relação ao [o], que o alçamento é “determinado primordialmente por ajustamento ao modo e ponto de articulação da consoante precedente e apenas secundariamente pela altura da vogal tônica”. Ressaltam, ainda, que “a vogal [i] é um condicionador mais provável do que a vogal posterior [u]”.

Nossos resultados, como da maioria dos autores citados, apontam as vogal alta [i] (com o valor de 0,888) como as vogais mais favoráveis ao alçamento, em contexto de sílaba seguinte. Como amalgamamos as duas, retornamos aos dados, para verificar qual delas teve maior peso no que diz respeito ao alçamento. Verificamos que [i] (bonito, lobisomem, vomitar) é mais favorável do que [i] nasal (domingo, cozinhar, dormindo), mas as duas são favoráveis, desde que o [o] não seja uma átona casual. Se o for, não haverá alçamento, como podemos observar em alguns vocábulos: (folhinha, cebolinha, florzinha, pontinho, redondinho, gotinha). Tal resistência resulta, segundo Bisol (1984), de a tonicidade ter sido adquirida pelo deslocamento do acento, ou seja, mesmo tornando-se uma átona, a vogal preserva a altura da vogal de origem.

Já o [u] nasal, em vocábulos como (pronunciar, comum, confundi) apresenta-se mais favorável que o [u] em (costume, costureiro), ou seja, a nasalidade, no caso da posterior alta [u] em sílaba seguinte, é favorável ao alçamento do [o] pretônico.

A Tabela 3 aponta a homorgânica [u] com probabilidade de 0,819 como o segundo contexto mais favorável ao alçamento da posterior [o], o que poderíamos atribuir à harmonização vocálica, já mencionada como principal responsável pelo alçamento tanto de [o] quanto de [e], nos autores referidos.

Confrontando os valores de [i] e de [u], verificamos que nossos resultados confirmam os de Schwindt (2002). Segundo esse autor, o “[i] tem maior poder de elevação, independentemente se a pretônica é [e] ou [o]”. Bisol (1984) explica esse comportamento por meio do diagrama de Jones (1950), o qual mostra que “a vogal alta posterior é menos alta do que a frontal, e que está em diagonal com [e]”. Isso significa que [u] não teria força para alçar [e], mas [i] poderia favorecer o alçamento tanto de [e] quanto de [o], por ser mais alto que ambas. (SILVA, 1989, p. 156).

### **3. Variáveis Sociais: sexo, escolaridade e idade**

As variáveis sociais são apontadas pelos sociolinguistas como fatores relevantes no uso da língua. Porém, nossos resultados não indicam que tais contextos tenham desempenhado um papel muito relevante na aplicação da regra de alçamento, pois os percentuais de alçamento foram de 28% para os homens mais jovens, 25% para os homens com mais idade, 23% para as mulheres mais jovens e 25% para as mulheres com idade acima de 41 anos.

Apesar de o alçamento do [o], ao que parece, não ser considerado como uma forma estigmatizada socialmente em nossa variedade lingüística, percebemos que o predomínio desse fenômeno ocorre com informantes analfabetos tanto do sexo feminino

(25%), quanto do sexo masculino(29%), com os homens apresentando um sensível índice de predominância em relação às mulheres.

### 3.2. Variável Social: região

O alçamento das pretônicas tem sido considerado desde Nascentes (1953 apud SILVA, 1989) como um "divisor de águas" de norte a sul do Brasil. Depois dele, muitos trabalhos foram desenvolvidos para mostrar que, por exemplo, em Salvador há o predomínio das médias semi-abertas em contexto das pretônicas (SILVA, 1989), assim como no Rio Grande do Sul (BISOL, 1984; SCHWINDT, 1997, 2002). Já em Santa Catarina (SCHWINDT, 2002) e no Rio de Janeiro (CALLOU; LEITE; COUTINHO, 1991), predominam as médias semi-fechadas. No Paraná, em certas regiões há o predomínio da média pretônica [e] alçada ([i]) e, em outras, como Oeste e Sudoeste, há o predomínio da forma não alçada ([e]). (cf. PONTES; KAILER, 2001; DUTRA; PONTES, 2003).

Buscaremos mostrar, por meio do mapa do Paraná, se, em relação ao [o] pretônico no falar rural paranaense, há uma distribuição diatópica contínua, ou seja, se o alçamento do [o] é uma questão dialetal regional, tal qual os autores citados apontam em seus estudos, ou se esse fenômeno, em nossa variedade, é governado apenas por fatores lingüísticos.



**Figura 1. Mapa do Paraná- Alçamento ([u]) da vogal pretônica [o] no falar rural paranaense.**

A cerca da variável região, observamos que o alçamento do [o], apesar de ser uma regra produtiva, não se sobressai no falar rural paranaense, visto que a cidade que apresenta o maior percentual de alçamento é Umuarama, com 43%. Sendo assim, aqui se esvai a possibilidade de o alçamento da média posterior [o], em nosso falar rural, ser uma questão regional, como declarou Nascentes (1953 apud SILVA, 1989) e como ocorre com o [e] em início de palavras nessa variedade. (cf. PONTES; KAILER, 2001; DUTRA; PONTES 2003).



Apesar de não haver predominância do alçamento em nenhuma região, como mencionamos anteriormente, verificamos que os resultados apresentados indicam que a maioria dos pontos lingüísticos favoráveis traça uma linha vertical contínua, que vai de Diamante do Norte, passando por Campo Mourão, Pitanga, Guarapuava, entre outros pontos, e chega a São Mateus do Sul. O mesmo acontece com a maioria dos pontos lingüísticos desfavoráveis ao alçamento.

De acordo com o mapa, cogitamos a hipótese de que o uso do [o] pretônico no falar rural paranaense possa ter sofrido alguma influência da linguagem dos tropeiros (cf. PONTES, 1996), pois essas linhas podem estar relacionadas com o caminho que eles faziam quando vinham dos estados do sul para São Paulo, Mato Grosso, Minas Gerais, por exemplo. Todavia, para melhor explicar esse fato, precisaríamos de mais tempo, o que não será possível para este estudo.

#### **Considerações finais**

Esperamos que, por meio deste estudo, tenhamos retratado o uso do /o/ pretônico na variedade paranaense. Acreditamos que, como a maioria das pesquisas, esta tem muito ainda que investigar, como a questão da etnia, a hipótese que levantamos sobre o caminho dos tropeiros, se há algum tipo de estigmatização quanto ao uso alçado do /o/ e, ainda, se o alçamento dessa vogal está em mudança em progresso ou se trata-se de uma variação estável. Hipóteses estas, entre outras, que pretendemos responder em nossa pesquisa de Doutorado que está em andamento.

#### **Referências bibliográficas**

- AGUILERA, V. A. [Entrevistas concedidas ao projeto de elaboração do atlas lingüístico do Paraná]. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 1994. 250 cassetes sonoros.
- \_\_\_\_\_. & HOYOS-ANDRADE. Aspectos lingüísticos da fala do londrinense: esboço de um atlas lingüístico de Londrina. 1987. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), Assis.
- \_\_\_\_\_. Atlas lingüístico do Paraná. 1990. 2v. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), Assis.
- \_\_\_\_\_. Atlas lingüístico do Paraná: apresentação. Londrina: Ed. UEL, 1996.
- BISOL, L. Harmonização vocálica: uma regra variável. Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, v. 78/79, p. 73-96, 1984.
- BORTONI, S. M. A variação das vogais médias pretônicas no português de Brasília: um fenômeno neogramático ou de difusão lexical?. Revista Estudos Lingüísticos, Belo Horizonte, ano 1, v.1, p. 9-29, jul./dez. 1992.
- BRESCANINI, C. A análise de regra variável e o programa VARBRUL. In: BISOL, L.; BRESCANINI, C. (Org.). Fonologia e variação recortes do português brasileiro. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. p. 13-75.
- CALLOU, D.; LEITE, Y.; COUTINHO, L. Elevação e abaixamento das vogais pretônicas no dialeto do Rio de Janeiro. Organon, Porto Alegre, v. 5, n. 18, p. 71-78, 1991.

- DUTRA, A.; PONTES, I. Alçamento do [e] pretônico: harmonização vocálica e distribuição diatópica. Estudos Lingüísticos, São Paulo, v. 32, 2003. 1 CD-ROM.
- FREITAS, S. N. As vogais médias pretônicas no falar de Bragança. 2001. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Pará, Belém.
- LABOV, W. Sociolinguistic patterns. 3<sup>rd</sup> ed. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
- KAILER, D. A. Estudo da vogal pretônica anterior em tempo real e em tempo aparente no falar rural de Guaraniçu – PR. Estudos Lingüísticos, São Paulo, v. 32, 2003. CD-ROM
- MOTA, J. Vogais antes de acento em Ribeirópolis – SE. 1979. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Universidade Federal da Bahia, Salvador.
- NARO, A. J. Modelos quantitativos e tratamento estatístico. In: MOLLICA, M. C. (Org.). Introdução à sociolingüística variacionista. 2. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994. (Cadernos Didáticos).
- PINTZUK, S. Programas Varbrul. Tradução de Ivone Isidoro Pinto. Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de Letras, 1988.
- PONTES, I. Regra variável e estrutura sociolingüística: um caminho para sistematização da variação lingüística. 1996. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), Araraquara.
- \_\_\_\_\_. Tratamento estatístico de dados geolingüísticos: alçamento do [e] pretônico inicial seguido de [s,z] no falar rural do Paraná. Estudos Lingüísticos, São Paulo, v. 29, p. 399-404, 2000.
- PONTES, I.; KAILER, D. A. Alçamento do [e] pretônico na região oeste-sudoeste do paraná: uma abordagem geo-variacionista. Estudos Lingüísticos, São Paulo, v. 30, 2001. 1 CD-ROM.
- SILVA, M. B. As pretônicas no falar baiano. 1989. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- SCHWINDT, L. C. A harmonia vocálica em dialetos do sul do país: uma análise variacionista. GRAPHOS, p.55-65, 1997.
- \_\_\_\_\_. A regra variável de harmonização vocálica no RS. In: BISOL, L.; BRESCANINI, C. (Org.). Fonologia e variação recortes do português brasileiro. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. p. 161-181.